

Ensino Superior: Excelência ou Mediocridade?

Cesário Mateus*

A recente polémica em torno da Rede Universidades/Empresas com a vinda do Massachusetts Institute of Technology (MIT, USA) para Portugal, foi levantada na passada 4ª feira, dia 18 de Janeiro, na conferência da revista “*The Economist*” em Lisboa pelo ex-coordenador do Plano Tecnológico, José Tavares, que confrontou o primeiro-ministro José Sócrates com o facto de “um dos seus ministros estar a bloquear a vinda do MIT para Portugal”. No dia seguinte, em longa entrevista na “Edição da Noite” da SIC Notícias, o ministro da Ciência e Tecnologia, Mariano Gago, negou a sua oposição à vinda do MIT para Portugal, revelando não existir “nenhum acordo formal nem qualquer proposta concreta, havendo sim contactos exploratórios e abertura do MIT”. Por parte do MIT, o chanceler Philip Clay confirmou apenas que o “MIT tem estado a alguns meses em discussões com o Estado, Universidades e Indústria para promover a inovação e o crescimento económico no país”.

Tal como muitos outros académicos e investigadores portugueses, pertenço ao grupo daqueles que defende e considera importante uma relação próxima entre as Universidades e as Empresas e ainda mais um contacto estreito entre as instituições Universitárias Portuguesas e as suas congéneres Europeias e Americanas. Neste âmbito algumas universidades portuguesas têm aproveitado (e bem!) a vinda de conceituados professores estrangeiros, quer para leccionar, quer para investigar, dar seminários ou conferências. Imediatamente após o eclodir da polémica em torno do MIT recordei-me de um artigo que havia lido há cerca de 3 anos na “*Gazeta de Física*”¹ escrito pelo Professor Michael Athans, professor no MIT durante 38 anos e professor visitante no Instituto de Sistemas e Robótica (ISR) do Instituto Superior Técnico (IST) em Lisboa. Mas qual a importância deste seu artigo de opinião? Porque será que me lembrei dele de imediato? As razões estão a dois níveis. Um primeiro, porque é professor do MIT e esteve durante um período apreciável em Portugal e em particular no IST, sendo estas duas Instituições as que estão na linha da frente da Rede Universidades/Empresas no âmbito do Plano Tecnológico do Governo. Daí pensar que uma leitura cuidada do seu artigo pode consciencializar-nos para os reais problemas que afectam o nosso ensino

¹ *Gazeta de Física*, Sociedade Portuguesa de Física, Vol. 25, Fasc. 2, Abril, 2002

universitário, e a sua relação com o meio empresarial. Um segundo, porque durante a sua estada Michael Athans teve inúmeros debates com professores e estudantes de engenharia de várias Universidades, tendo chegado à conclusão que “há uma necessidade urgente de reformas estruturais, quer no sistema educativo quer na investigação universitária, nas principais universidades portuguesas”. As suas sugestões baseiam-se na forte convicção “de que as universidades portuguesas podem fazer muito mais para melhorar radicalmente a sua excelência académica, a sua investigação a sua produtividade e eficácia, bem como as interações entre universidade e indústria”. Afirma igualmente que inúmeros dos alunos de pós-graduação com que contactou têm as mesmas qualidades intelectuais dos do MIT e que não faltam fundos para investigação, sendo até mais fácil aos investigadores portugueses obterem fundos do que aos seus colegas norte-americanos! Partilho da maior parte das opiniões expressas no seu artigo e concordo com as principais causas para os constrangimentos no desenvolvimento da qualidade universitária. Segundo Michael Athans, as mudanças devem obedecer a uma regra evidente: “*A Excelência gera excelência, enquanto a mediocridade alimenta a mediocridade*”.

As mudanças passam por criar períodos ininterruptos de investigação, fornecer melhores incentivos de carreira e prémios justos para os investigadores, melhorar os mecanismos de avaliação e responsabilidade no processo educativo e de investigação e, por último, melhorar a colaboração universidade-indústria. Estou convencido, tal como o Professor Michael Athans, que a maioria dos educadores e investigadores responsáveis apoiam o espírito destas ideias. Os opositores serão segundo ele, “os ditadores académicos (alguns tecnicamente obsoletos), professores mais velhos e administradores com medo de perderem o seu poder e expor a sua mediocridade como professores e investigadores com a alteração do actual *status quo*”. Estas mudanças têm de ser levadas a bom termo com a formação de uma representação ampla e abrangente para discutir as reformas necessárias e fazer recomendações específicas para mudar as leis que se aplicam. Tal como defende Michael Athans “é imperativo que este painel não seja dominado pelos actuais gestores universitários; deve incluir, antes, membros mais novos e alunos de pós-graduação com reconhecidas qualificações no ensino e na investigação, incluindo também conhecidos professores portugueses a trabalhar no estrangeiro”.

Um longo caminho tem ainda de ser percorrido. E, como escrevi anteriormente,² “a educação deve ser orientada para o aluno e para as necessidades do mercado, em oposição ao que ocorre actualmente, em que esta é orientada para as instituições de ensino e para os professores. Esta poderá ser uma das razões que leva a um desemprego crescente na área dos licenciados. Deve-se apostar fortemente numa formação contínua, encarando a licenciatura não como um fim, mas como uma etapa na aquisição de conhecimentos. Sugere-se, a exemplo do que ocorre nos restantes países europeus, a frequência de pós-graduações, direccionadas para as necessidades de mercado e que acrescentem valor junto dos empregadores. Uma maior ligação e inter-ajuda entre Universidade e Empresa são o passo fundamental.”

*Investigador no Centre for Analytical Finance, Dinamarca e no Departamento de Finanças da *The Aarhus School of Business*.
Bolsheiro do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação da Dinamarca.
cmateus@asb.dk

In Jornal de Negocios – Janeiro, 2006

² “Portugal, o Alargamento e a Competitividade”, *Vida Económica*, nº 930, 14.12.2001